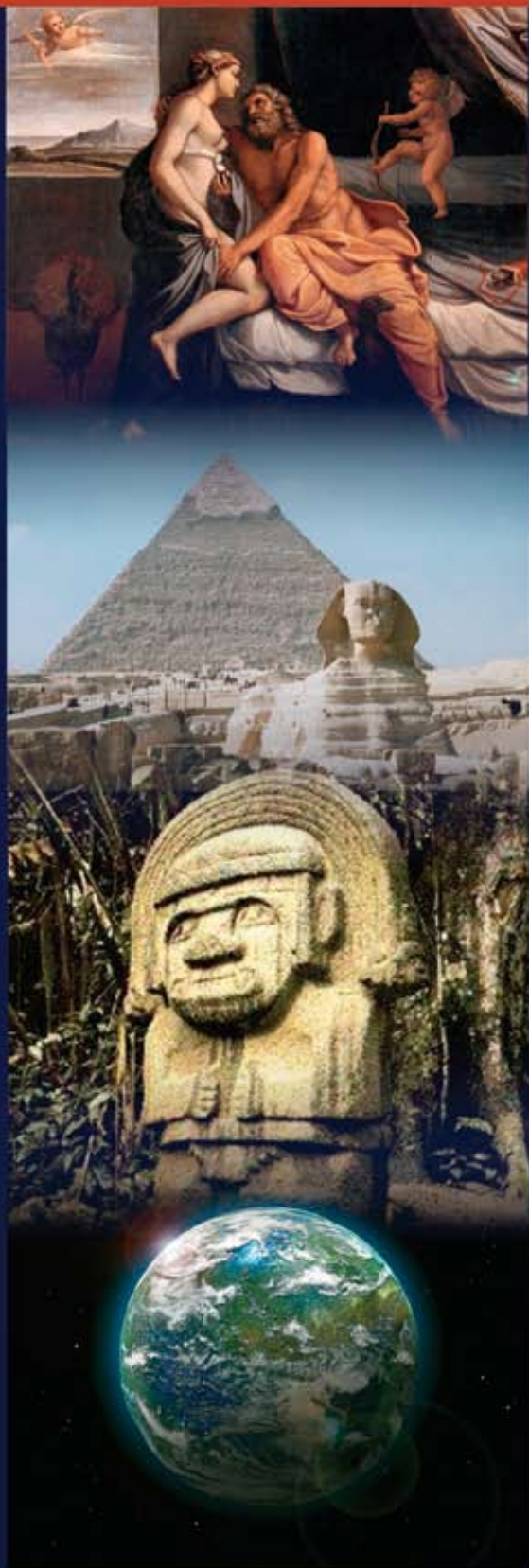


revistafidelidade@terra.com.br • ano VI • Março/2008 • nº 66 • R\$ 5,00

Revista

# Fidelidade **ESPÍRITA**

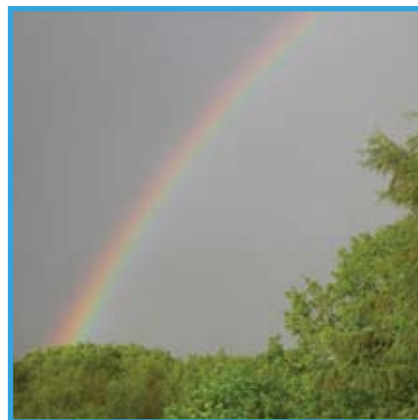


## *Espiritismo e Religião*

RELIGIÃO E CIÊNCIA ENTRELAÇADAS

A  
Revista que  
se **Responsabiliza**  
**Doutrinariamente**  
pelos Textos Publicados

# Sumário



## 4 CHICO

NECROLÓGIO - CONSULTAS EM NOME DE CHICO XAVIER

A luta contra as forças contrárias ao Espiritismo

## 6 ENSINAMENTO

O SOFRIMENTO ALHEIO

Prestar atenção à nossa volta minimiza nossos problemas

## 8 ESCLARECIMENTO

AS FRONTEIRAS DO PERDÃO

Perdoai setenta vezes sete vezes

## 10 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA

Questões sobre mediunidade

## 13 MENSAGEM

POBRES DE ESPÍRITO E ESPÍRITOS POBRES

Explicação sobre a parábola de Jesus

---

## 14 CAPA

ESPIRITISMO E RELIGIÃO -  
RELIGIÃO E CIÊNCIA ENTRELACADAS

---

## PRÓXIMA EDIÇÃO

PAIS E FILHOS À LUZ DA REENCARNAÇÃO



## 20 BIOGRAFIA

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

A história do nosso Codificador

## 25 REFLEXÃO

MEDO E RESPONSABILIDADE


O medo é agente de diversos males

## 27 COM TODAS AS LETRAS

POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

# EDITORIAL

 O psiquismo humano é um universo pouco explorado. Apesar da enorme contribuição de inúmeros estudiosos da mente, a realidade é que o homem, no atual estágio evolutivo, pouco conhece de si mesmo. Por essa razão, expõe-se às circunstâncias infelizes que o fazem sofrer.

O médium deve ser encarado como um ser humano normal, dotado de sensibilidade psíquica que lhe faculta estabelecer sintonia com os espíritos desencarnados.

A faculdade mediúnica, por mais ostensiva, não confere valores morais ao seu portador. A aquisição desses valores é uma conquista que resulta do trabalho do ser em relação a si mesmo, reclamando conscientização, vontade e ação.

Quando esses aspectos não estão presentes, é comum que o médium, pela própria fragilidade moral, passe a ostentar máscaras que ocultam sua verdadeira realidade espiritual. Assim como um verniz encobrindo nós encravadas na madeira, as aparências tentam esconder as mazelas morais que, como segredos da alma, ainda vibram no campo psíquico do medianeiro.

Natural, portanto, que em algum momento o indivíduo seja traído pela própria sombra interior, oferecendo condições de sintonia com as entidades adversárias ou zombeteiras.

Em teu curso de aprendizado no campo mediúnico, aprende a te conheceres por dentro, identificando os fatores que te predisõem à sombra, assim como os recursos que te ligam à luz.

Avalia-te sem hesitação, sem culpa e sem autopunição. Estuda-te para te descobrires e não para te justificares.

Questiona-te quanto às razões que te levam à prática da mediunidade e verifica se, por trás das aparências, não trazes, de forma quase inconsciente, interesses incompatíveis com os verdadeiros propósitos do intercâmbio.

Aos poucos, perceberás que, possivelmente, também ostentas máscaras que ocultam tuas inseguranças, frustrações e medos. Entenderás que surgem da exacerbação do ego, sufocando teu potencial divino.

Diante dessa realidade, reconhece-te tal qual és, aceitando-te sem máscaras, e inicia o trabalho de auto-afirmação como filho de Deus, dotado de qualidades espirituais que te destinam ao aperfeiçoamento constante.

Aprenderás a te livrares das máscaras de forma consciente e segura, fazendo luzir o teu lado luminoso, a fim de sintonizares somente com o bem.

Jamais abandones a prática do autoconhecimento nem te acomodes às aparências que ocultam o teu verdadeiro Eu. Embora com a mesma origem e destinação de todos os espíritos que habitam o universo, és um ser único no cosmos, dotado de personalidade própria, herdeiro dos próprios atos e construtor do próprio destino.

Esforça-te no bem, sendo quem és, no trabalho constante de auto-aperfeiçoamento, a fim de vires a ser a luz em forma de homem em total sintonia com a luz eterna de Deus.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*.  
Págs. 83 - 86. CEAK. 2003

## Edição

Centro de Estudos Espíritos  
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

## Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

## Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

## Revisão

Zilda Nascimento

## Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

## Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

## Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar" responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

## FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br  
(19) 3233-5596

## ASSINATURAS

Assinatura anual: R\$45,00  
(Exterior: US\$50,00)



## FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN  
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com

Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP  
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112



# Necrológio - consultas em nome de Chico Xavier

por Suely Caldas Schubert

 28-10-1947

*“(...) A idéia do fichário é interessante. Dr. Rômulo tentou um serviço desses há uns 8 anos, mas desanimou. Não passou de um início mas que foi muito curioso e instrutivo. Acho o plano muito educativo, mas creio que a realização seria prematura. Convém que os amigos da FEB aguardem o necrológio do médium e, assim mesmo, conforme for o necrológio. Por agora, meu caro Wantuil, a luta ainda é grande e as circunstâncias de serviço e as injunções da propaganda da doutrina me obrigam a gestos e atitudes nos quais, naturalmente com razão, sou interpretado por muitos amigos do ideal por vaidoso e ridículo. Há dias em que recebo cartas amargas e valioso confrade já me escreveu que eu devia encerrar o esforço mediúnico porque o meu trabalho na difusão do livro é simples vaidade e nada mais. Como vês, convém que eu experimente sozinho essa fase da batalha. É prudente que os companheiros da FEB não se entreguem a esse nevoeiro de acusações gratuitas.”*

Chico faz referências a um fichário de suas obras mediúnicas e que havia uma tentativa do Dr. Rômulo Joviano neste sentido. Mas aduz que, a seu ver, a sua realização seria prematura. Aconselha a que aguardem a sua desencarnação e o seu necrológio. Com um tom bem-humorado prossegue, dizendo: *conforme for o necrológio.*

O que ressalta nesta carta é a singular posição de co-idealistas espíritas que enxergam no trabalho

**Como se vê,  
as forças  
contrárias  
têm os mais  
estranhos e  
inteligentes  
argumentos**



de Chico uma questão de vaidade. E para salvá-lo dessa postura vaidosa, determinado confrade chega a escrever-lhe para alertá-lo e aconselhá-lo a encerrar o trabalho mediúnico ali mesmo.

Como se vê, as forças contrárias têm os mais estranhos e inteligentes argumentos. Estivesse Chico Xavier numa situação de falsa humildade e teria duvidado de si mesmo e de suas reais intenções, fazendo, sem querer, o jogo dos adversários da luz.

Felizmente, Chico tem certeza de que a luta é bem mais complexa do que se poderia supor. Trata-se de publicar os livros, difundir os ensinamentos, tornar-se conhecido, comentado, combatido ou elogiado para que a Doutrina espírita se propague, mesmo que para isto tenha ele de pagar o pesado preço da fama e do prestígio no mundo. E, apesar disso tudo, prosseguir sendo o mesmo Chico de sempre: simples e autêntico.

O preço da popularidade é alto e sacrificial para aqueles que querem conservar a sua integridade moral.

*“A notícia de que eu teria recebido mensagens vaticinando vitórias para a Rússia não é verdadeira. É arranjo das pessoas imaginosas sem trabalho útil. A propósito, conto-te, em caráter confidencial, que minha irmã Zina, em Belo Horizonte, foi convidada pelas autoridades a identificar um cavalheiro que usava o meu nome, na cidade, em bairro populoso, dando sessões a Cr\$ 300,00 e passes a Cr\$ 100,00 e expondo na sala os próprios*

*livros de Emmanuel, Irmão X e André Luiz. Minha irmã foi chamada a declarar se a pessoa era eu mesmo. Foi uma confusão. Reconhecida a mistificação, foram tomadas providências. Não poderemos vencer a má-fé. Deus nos proteja a todos.*

*Grato pelas notícias dos “infantis”.*

***O preço da popularidade é alto e sacrificial para aqueles que querem conservar a sua integridade moral***

*Seguem algumas mensagens recebidas nos dias últimos. As de Emmanuel me comoveram profundamente pelo tom profético. Se não tiveres a intenção de publicá-las, em face dessa característica, peço-te avisar-me. Talvez seja a publicação prematura, pelo “Reformador”. (...)*

*Estou escrevendo ao Ismael, abraçando-o pela vitória de “Lo Evangelio”. É um grande e sublime triunfo. (...)*

Esta narrativa nos dá a exata medida das explorações que são feitas em torno do nome de Chico Xavier.

São os outros riscos que ele tem de correr, pela própria natureza de sua tarefa. É o ônus de quem se projeta pela realização de alguma coisa que difere da craveira comum. Reconhecendo essa inevitável reação de certas pessoas, Chico afirma com serenidade: “Não poderemos vencer a má-fé”, subentendendo que apesar disso ele deve prosseguir, sem vacilações e sem temores, confiando-se a Deus.

**Fonte:**

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 181 - 183. Feb

# O Sofrimento Alheio

por Hilário Silva / Waldo Vieira

O bonde deslizava em marcha regular, mas Belarmino Cintra, sentado no quinto banco, extravasava desespero.

Parecia não ver os carros que buzinavam, nem o casario em torno, nem os circunstantes, nem a chuva garoenta.

Ele só e a excitação.

Ele só e a mágoa.

Aguardava a promoção por onze anos de trabalho correto na reparação e era funcionário há mais de vinte. Esforçara-se, renunciando a facilidades diversas, pensando na melhoria. No momento exato,

porém, a melhoria alcançara outro que, a seu ver, não correspondera.

*No fim do mês,  
era sempre  
a mesma  
situação...  
Contas pagas e  
bolso vazio*

Indignado, escrevera uma carta ao chefe, ameaçando-o com um

inquérito escandaloso, e o chefe chamara-o ao gabinete para entendimento pessoal.

Sentia-se desanimado e infeliz.

Era pai de família. Esposa e quatro filhos. Não tinha débitos a solver, mas nenhum vintém no pé-de-meia.

No fim do mês, era sempre a mesma situação... Contas pagas e bolso vazio.

Achava-se, por isso, inconformado, revoltado...

Não suportaria qualquer advertência.

Armar-se. Se o chefe lhe desconsiderasse a atitude, reagiria...

O veículo pára por dois longos minutos, esperando por outro no entroncamento. E Belarmino, relanceando os olhos, é quase que obrigado a ler uma frase no volume que a senhora míope ergue muito alto, no banco, em frente.

É um livro espírita, em cujo texto ele anota um aviso, letra por letra:

- “Tenha paciência. Fitando o sofrimento alheio, aprendemos a encontrar a felicidade que é nossa.”

Belarmino sente-se como sob ducha fria.



Nisso, no instante exato em que o bonde larga de novo, um homem pesado toma o veículo, a esbofarse, enxugando o suor, apesar do tempo frio.

Senta-se rente ao escriturário preterido, e, porque um senhor vizinho lhe mostre semblante mais ameno, fala-lhe à queima-roupa:

- Vida penosa! Não agüento mais...

- É, meu amigo!, disse o companheiro anônimo, cada qual neste mundo tem sua quota de aflição...

Porque o bonde passasse à frente de um consultório médico em que se via grande número de consulentes, esperando vez, o recém-chegado observou:

- Vida boa é de médico! Parece que os clientes lhe trazem sopa à boca.

O outro, no entanto, discordou:

- O senhor está enganado. Eu sou médico. Estamos presos ao sofrimento humano. Cada enfermo é um problema. E os cabelos embranquecem ou caem cedo como se tivéssemos um vulcão na cabeça. De minha parte, estou fatigado. Ainda ontem vi minha mãe morrer nos meus braços, devorada pelo câncer, sem que eu pudesse lhe dar outra coisa senão anestésicos.

E num desabafo:

- Vida boa deve ser a de quem possa andar ou viajar livremente, assim como o caixeiro viajante...

O outro, porém, revidou:

- Caixeiro viajante? Não diga isso. Sou viajante comercial há quinze anos... Encontro humilha-

ções por toda parte, separado da família na maior parte do tempo... E, para cúmulo do azar, fui responsabilizado inocentemente por um desfalque de quatrocentos mil cruzeiros... Devedores astuciosos conseguiram envolver-me nisso, sem que eu tenha culpa...

Belarmino queria continuar ouvindo, mas uma senhora triste entrou na parada próxima, carregando um pequenino doente. Faixa sanguinolenta envolvia-lhe os olhos.

***Oh! Graças  
a Deus, você  
entendeu  
por fim... As  
injunções  
políticas são  
pedras no  
caminho...***

- Que foi? dessa vez foi o próprio Cintra quem perguntou, lembrando os filhos.

E a senhora:

- Meu filhinho perdeu os olhos com a explosão de uma bomba.

Belarmino procura consolá-la.

Daí a instantes, o funcionário, transformado, desce e entra no gabinete da chefia.

O diretor recebe-o, evidente-

mente irritado.

Mas Belarmino fala, humilde:

- Doutor, antes de tudo, quero pedir-lhe desculpas por minha carta violenta e ofensiva... Eu não tinha razão!

O chefe sorriu, como quem se livrara de um desastre iminente, e falou, alegre:

- Oh! Graças a Deus, você entendeu por fim... As injunções políticas são pedras no caminho... Somos companheiros, Belarmino. Não perca a esperança. A promoção virá breve...

Mas Belarmino sorri também, e roga:

- Doutor, peço-lhe! Não se preocupe comigo! Eu estava perturbado.

E despediu-se tranqüilo, para voltar ao trabalho.

Mas, no dia seguinte, o chefe procurou-o, com excelentes informes, e Belarmino contou-lhe a história viva da frase que lera de escantilhão.

**Fonte:**

VIEIRA, Waldo / XAVIER, Francisco Cândido. Almas em Desfile. Págs. 65 - 68. Feb. 2003

# As Fronteiras do Perdão

por João Marcus (pseudônimo de Herminio C. Miranda)



*“Então, chegando-se Pedro a ele, perguntou:*

*- Senhor, quantas vezes poderá pecar meu irmão contra mim, que eu lhe perdoe? Será até sete vezes?*

*Respondeu-lhe Jesus:*

*- Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”*

(MATEUS, 18:21 e seguintes.)

Pedro era um espírito objetivo e prático. Queria definições precisas e muito claras. Ainda não fora promovido de pescador de peixes a pescador de homens, como lhe prometera o Mestre. Preocupado com o problema do perdão, interpelou frontalmente o Amigo Maior. De sua pergunta podemos inferir que era tolerante e bom porque admitia perdoar sete vezes, ou melhor, até sete vezes. Talvez traçasse por aí os limites do perdão, mas as fronteiras que o Cristo lhe fixava estavam muito além.

O ponto merecia ampliações mais elaboradas e Jesus não deixou passar em branco a oportunidade. Narrou a parábola dos dois devedores, destacando que aquele mesmo a quem o rei perdoara uma dívida de 10 mil talentos não fora capaz de perdoar, a seu turno, uma conta insignificante de 100 dinheiros. E por isso, mandou o rei que o entregassem aos algozes até pagar toda a dívida.

Lição profunda essa, que serviu a Pedro e servirá a todos nós pelos tempos a fora. Quem mais, senão

Jesus, para colocar na linguagem simples dos simples o mecanismo sutil das leis de Deus? Fazendo incidir hoje sobre aquele texto à luz da Doutrina Espírita, podemos descobrir, nas mesmas palavras, outros ensinamentos e novos ângulos.

Em primeiro lugar, a lição da tolerância. Perdoar sempre, perdoar sem reservas, sem limitações, nem imposições ou condições – perdão

***O que perdoa  
exercita a sua  
paciência e  
entesoura a  
moeda luzente  
do resgate***

puro e simples, sincero e acabado. O perdão repetido desencoraja o ofensor, fá-lo pensar, lança no seu espírito a semente generosa

do amor. O que precisa do nosso perdão está em erro porque ofende, maltrata e faz sofrer. O que perdoa exercita a sua paciência e entesoura a moeda luzente do resgate.

Em segundo lugar, o que perdoa se liberta. Dispondo do livre-arbítrio poderia devolver a ofensa, retrucar uma bofetada com outra, gritar mais alto ao grito que ouviu. Optando pelo perdão, escapou ao compromisso, rompeu o círculo vicioso que o manteria acorrentado ao seu algoz, alimentando ódios, dando novo alento a novas formas de vingança. E a espiral das paixões desatreladas continuaria a evoluir na direção das trevas e das dores.

É verdade: o perdão liberta. Aquele que perdoa e oferece a outra face, não é um covarde, é sábio. Compra, com a aparente fraqueza de um minuto efêmero, a paz duradoura do futuro que permanece. De que serve matar o que mata, bater no que bate, ferir o que fere, se a lei prende na mesma algema os contendores? O ódio encadeia e sufoca suas vítimas e só as deixa quando o perdão desata as amarras. ▶



O que mais depressa perdoa, mais cedo levanta vôo para regiões da paz interior. Enquanto odiarmos, estaremos em dívida perante a lei, e os nossos algozes poderão livremente exigir de nós o resgate das nossas faltas, ingenuamente arvorados em cobradores de Deus, nomeados por si mesmos ministros executores da Sua lei. Já muito fizemos disso no passado e ainda hoje, aqui e ali, reincidimos no erro trágico, esquecidos de que, naquele momento fatal, assinamos novas promissórias na moeda corrente da dor. Que cada qual ajuste perante sua própria consciência ultrajada suas dívidas e remorsos. Não cabe a nenhum de nós assumir o papel antipático e doloroso de meirinhos impiedosos da vontade de Deus, punindo em nome do Senhor aqueles que ofenderam não a nós, que nada somos, mas às leis que nos protegem a todos. Não é essa a vontade d'Ele. Que cada um se recomponha livremente diante da ordem universal perturbada. Não sejamos nós o veículo do escândalo de que nos falava Jesus; o ajuste é sempre necessário porque assim o exige a nossa consciência desassossogada, mas recusemos sempre e com firmeza o papel de instrumento da dor alheia.

Ademais, lá está, no texto de Mateus, a advertência imortal. Pedimos perdão de dívidas vultosas, de negros pecados, de erros clamorosos e, no mesmo instante, voltados para o irmão que nos ofendeu apenas com uma observação desatenta, lhe exigimos o reparo imediato, lhe exigimos o reparo imediato, inapelável. Pedimos muito e não queremos dar coisa alguma. Devedores relapsos, revestidos de falsa

humildade, somos cobradores impiedosos e altivos.

Enquanto isso, seguimos errando pela vida a fora – erros que atingem irmãos nossos e lhes causam dores e aflições cuja profundidade e intensidade nem sequer imaginamos. Erros que, cometidos inva-

*Que cada qual  
ajuste perante  
sua própria  
consciência  
ultrajada  
suas dívidas e  
remorsos*

riavelmente contra o semelhante, são também contra nós mesmos porque ao cometê-los marcamos encontro com a dor da reparação. É bom que o irmão a quem ferimos tenha aprendido a perdoar setenta vezes sete. É bom para ele; para nós que o ferimos, no entanto, o débito permanece. Podemos, no momento da ofensa, avaliar de cabeça fria a extensão da dívida subscrita? Seríamos capazes de prever quando, onde e como vamos poder repor as coisas no seu lugar? Quantas vidas decorrerão até que novamente nos encontremos com o irmão maltratado, em condições de curar-lhe a ferida com a carícia do nosso amor? Compõe-te com o teu irmão, enquanto estás a caminho com ele, dizia o Mestre. Mais tarde, certamente o faremos, porque essa

é a lei, mas as lágrimas estarão em nossos olhos, quando nada, pelo tempo esbanjado. Estaremos aí já prontos para novas escaladas espirituais, mas ainda presos penosamente à retaguarda das sombras porque, como na visão de Nabucodonosor, temos a cabeça de ouro finíssimo, cheia de boas intenções, mas os pés são de ferro e barro, guardando na rigidez das suas formas a lembrança das vezes que os calcamos cheios de ódio sobre a garganta do irmão que implorava o perdão e a vida. É grande a dor desse momento em que compromissos tão antigos e esquecidos na memória do ser encarnado ainda nos prendem os pés emaranhados na aflição, enquanto nossos olhos angustiados contemplam as paisagens tranqüilas que nos esperam quase ao alcance das nossas mãos.

Senhor: Ensina-nos outra vez a lição do perdão, instrumento do amor, essa força universal que sustenta o átomo e as galáxias, a ameba e os anjos. Novos Pedros sequiosos de aprendizado e de paz, te buscamos na imensidão da tua paciente caridade para que nos repitas mansamente, setenta vezes sete, que precisamos perdoar outras tantas vezes. Só assim, Senhor, estaremos seguros de não ser entregues aos nossos algozes até que se resgatem todas as nossas dívidas. Ao contrário, Senhor, estaremos com as nossas mãos imperfeitas estendidas aos irmãos outros mergulhados na dor, a fim de que juntos, nos levantemos para Deus, como tu o queres.

**Fonte:**

MIRANDA. Hermínio C. Candeias na Noite Escura. Págs. 140 – 143. Feb. 2005

# Diretrizes de Segurança



por Raul Teixeira e Divaldo Franco

**09. Há médium inconsciente que, após a manifestação do espírito, não se recorda do que o comunicante disse ou fez por seu intermédio?**

**Divaldo** – Sim. Há e ocorre com uma boa parcela dos sensitivos. À medida que a faculdade se torna maleável, que os **filtros** se fazem mais fiéis, o médium não se recorda através da consciência plena, mas ele sabe algo, porque todo fenômeno mediúnico se dá mediante uma co-participação do espírito encarnado.

**10. Essa co-participação seria um controle remoto do subconsciente?**

**Divaldo** – Exatamente. O espírito encarnado é quem cõa a mensagem da entidade desencarnada. Então, ao mesmo tempo, exerce a fiscalização, o controle, e coíbe, quando devidamente educado, quaisquer abusos, preservando o instrumento de sua reencarnação, que é o corpo.

**11. Quer dizer que, no fundo, é sempre o médium o responsável, mesmo que tenha faculdade inconsciente, por aquilo que vem através dele?**

**Divaldo** – Daí dizer-se que em todo fenômeno mediúnico há um efeito anímico, assim como em todo fenômeno anímico há uma expressão mediúnica. Por melhor que seja o pianista, o som é sempre do piano.

**12. O que deve fazer o médium quando influenciado por entidades fora da reunião, no trabalho, no lar? Quais as causas dessas influências?**

**Divaldo** – No capítulo XXIII de **O Livro dos Médiuns**, Da Obsessão, o Codificador reporta-se à invigilância das criaturas. É natural que o indivíduo seja médium onde quer que se encontre. A mediunidade não é uma faculdade que só funcione nas reuniões especializadas. Onde quer que se encontre o indivíduo, ▶

ai estão os seus problemas. É perfeitamente compreensível que não apenas na oficina de trabalho, como na rua, na vida social, ele experimente a presença dos espíritos; não somente presenças positivas, como também perniciosas, entidades inferiores, espíritos levianos, ou aqueles que se comprazem em perturbar e aturdir. Cumpre ao médium manter o equilíbrio que lhe é proposto pela educação mediúnica.

Mediante a educação mediúnica pode-se evitar a interferência desses espíritos perturbadores em nossa vida de relação normal, para que não venhamos a cair na obsessão simples, que é o primeiro passo para a subjugação – etapa terminal de um processo de três fases.

Quando estivermos em lugar não apropriado ao exercício da mediunidade ou à exteriorização do fenômeno, disciplinemo-nos, oremos, volvamos a nossa mente para idéias otimistas, agradáveis, porque mudando o nosso clichê mental, transferimo-nos de atividade espiritual.

É necessário que os médiuns estejam vigilantes, porque é muito comum, graças àquele atavismo a que já nos reportamos, a pessoa se caracterizar como médium por meio de pantomimas, de manifestações exteriores. Como querendo provar ser médium, a pessoa insensata faz caretas, toma choques, caracterizando-se com patologias nervosas. A mediunidade não tem nada a ver com essas extravagâncias muito ao gosto dos exibicionistas.

Como acontece com pessoas que, quando escrevem com a mão, também escrevem com a boca, retorcendo-se, virando-se. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. A pessoa para escrever assume uma postura correta, que aprendeu na escola.

O médium deve aprender também a incorporar, sem esses transtornos nervosos. No exercício da mediunidade é preciso educar a postura do médium,

para que ele seja intermediário equilibrado, não dando ensejo a distonias na área mediúnica.

### **13. É possível ao médium distinguir as alterações psíquicas e orgânicas que lhe são próprias das que estão procedendo dos espíritos desencarnados?**

**Divaldo** – Um dos comportamentos iniciais do médium deve ser o de estudar-se. Daí ser necessário estudar a mediunidade. Eu, por exemplo, quando comecei o exercício da mediunidade, ia a uma festa e assimilava de tal forma o psiquismo do ambiente, que me tornava a pessoa mais contente dali. Se ia a um casamento eu ficava mais feliz que o noivo. Se ia a um enterro ficava mais choroso que a viúva, porque me contaminava psiquicamente, e ficava muito difícil saber como era a minha personalidade. Pois, de acordo com o local, havia como que um mimetismo, isto é, eu assimilava o efeito do ambiente.

Lentamente, estudando a minha personalidade, as minhas dificuldades e comportamentos, logrei traçar o meu perfil pessoal, e estabelecer uma conduta medial para que aqueles que vivem comigo saibam como eu sou, e daí possam avaliar os meus estados mediúnicos.

De início, o médium terá algumas dificuldades, porque o fenômeno produz uma interposição de personalidades estranhas a sua própria personalidade. Somando-se velhas dificuldades à sensibilidade mediúnica, o sensitivo passa a ter muito aguçadas as reminiscências das vidas pretéritas, não o caráter da consciência, mas o somatório das experiências.

Recordo-me que, em determinada época da minha vida, terminada uma palestra ou reunião mediúnica, eu tinha uma necessidade imperiosa de caminhar. Caminhar até exaustão física. Naquele período claro-escuro da mediunidade, sem saber exatamente como

encontrar a paz, os espíritos me receitaram trabalho físico, para que, cansado, fosse obrigado ao repouso físico, porque tinha dificuldades de dormir. A vida física era-me muito ativa e, mesmo quando o corpo caía no colapso, a mente continuava excitada, e eu levantava no dia seguinte pior do que havia deitado. Então, às vezes, eu preferia não deitar.

Com o tempo fui formando meu perfil de comportamento, de personalidade, aprendendo a assumir a responsabilidade dos insucessos e a transferir para os Mentores os resultados das ações positivas que são sempre de Deus, enquanto os erros são sempre nossos. Estaremos sempre em sintonia com espíritos de comportamento idêntico ao nosso. Daí, o médium vai medindo as suas reações, suas mágoas, ciúmes, invejas, e irá identificando as reações positivas, a beleza, o desejo de servir. Por fim, aprende selecionar quando é ele e quando são os espíritos que estão agindo por seu intermédio.

#### **14.O que determinará a qualidade dos espíritos que, pela lei das afinidades, serão impelidos a se afinarem conosco nas práticas mediúnicas?**

**Raul** – Compreendemos que todos nós renascemos com determinadas tarefas a realizar, e para esse entendimento, há aqueles que renascem com a tarefa da mediunidade. O chamamento da mediunidade na hora correta mostra aquele que porta o compromisso ajustado. Normalmente, as entidades que deverão trabalhar, que deverão atuar no campo mediúnico, dirigindo as lides entre os companheiros da Terra, já vêm ajustadas desde os seus contatos no mundo espiritual.

Elas se posicionam como verdadeiros guardiões para que, em momento oportuno, o indivíduo se apresente diante do chamado.

Há outros espíritos que estão associados a essa programática reencarnatória e que se afinam com o encarnado fora do labor da mediunidade; e, à semelhança de alguém que se transfira de uma casa para outra, de um bairro para outro, vai surgindo a vizinhança nova e vão mostrando os espíritos que se unem por afinidades, por sintonia de gosto com aqueles que são os médiuns.

O médium, desejoso que a sua vizinhança espiritual seja do melhor naipe, deverá preparar-se para ser também de bom teor a sua vida. Como nos ensina Emmanuel, deverá ligar-se aos que estão na faixa do Cristo<sup>1</sup>. E, mesmo quando se manifestem entidades enfermas, o médium estará servindo à enfermagem espiritual, da mesma forma que um enfermeiro num hospital da comunidade, embora atenda a diversos doentes, a vários pacientes de múltiplas características, nem por isso assimilará as mazelas do doente. Um médico que trabalhe com doenças contagiosas, nem por isso contrairá as moléstias das quais trata. Então, esses médiuns que estão laborando com os diversificados tipos espirituais procurarão ajustar-se aos Espíritos Benfeitores, unir-se pela vivência, pela prática do amor e da caridade, em suas várias dimensões.

Entendemos, com a Doutrina Espírita, que para nos ajustarmos aos Espíritos Nobres será necessário enquadrar nossa romagem, pensamentos e hábitos ao bem e ao trabalho da caridade.

1. XAVIER, F.C. Seara dos Médiuns, Emmanuel, cap. 38, 2ª ed., FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1973.

#### **Fonte:**

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Diretrizes de Segurança*. Págs. 17 - 19. Frater, 2002.



# Pobres de Espírito e Espíritos Pobres

por Cairbar Schutel

*“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.”  
(Mateus, V, 3.)*

**D**eus quer Espíritos ricos de amor e pobres de orgulho. Os “pobres de espírito” são os que não têm orgulho, os espíritos ricos são os que acumulam tesouros nos Céus, onde a traça não os rói e os ladrões não os alcançam.

Os “pobres de Espírito” são os humildes, que nunca mostraram saber o que sabem, e nunca dizem ter o que têm; a modéstia é o seu distintivo, porque os verdadeiros sábios são os que sabem que não sabem!

É por isso que a humildade se tornou cartão de ingresso no Reino dos Céus.

Sem a humildade, nenhuma virtude se mantém. A humildade é o propulsor de todas as grandes ações e rasgos de generosidade, seja na Filosofia, na Arte, na Ciência, na Religião.

Bem-aventurados os humildes; deles é o Reino dos Céus!

Os humildes são simples no falar; sinceros e francos no agir; não fazem ostentação de saber nem de santidade; abominam os bajulados e servis e deles se compadecem.

A humildade é a virgem sem má-

cula que a todos discerne sem poder ser pelos homens discernida.

Tolerante em sua singeleza, compadece-se dos que pretendem afrontá-la com o seu orgulho; cala-se às palavras loucas dos papalvos; suporta a injustiça, mas folga com a verdade!

A humildade respeita o homem, não pelos seus haveres, mas por suas virtudes. A pobreza de paixões, de vícios, de baixas condições que prendem ao mundo, e o desapego de efêmeras glórias, de egoísmo, de orgulho, amparam os viajores terrenos que caminham para a perfeição.

Foi esta a pobreza que Jesus proclamou: pobreza de sentimentos baixos, pobreza de caráter deprimido. Quantos pobres de bens terrenos julgam ser dignos do reino dos Céus, e, entretanto, são almas obstinadas e endurecidas, são seres degradados que, sem coberta e sem pão, repudiam a Jesus e se fecham nos redutos de uma fé bastarda, que, em vez de esclarecer, obscurece, em vez de salvar, condena!

Não é a ignorância e a baixa condição que nos dão o Reino dos Céus, mas, sim, os atos nobres: a

caridade, o amor, a aquisição de conhecimentos que nos permitam alargar o plano da vida em busca de mais vastos horizontes, além dos que avistamos!

Se da imbecilidade viesse a “pobreza de espírito” que dá o reino dos Céus, os néscios, os cretinos, os loucos não seriam fustigados na outra vida, como nos dizem que são, quando de suas relações conosco.

Pobres de espírito são os simples e retos, e não os orgulhosos e velhacos; pobres de espírito são os bons que sabem amar a Deus e ao próximo, tanto quanto amam a si próprios.

Pobres de espírito são os que estudam com humildade, são os que sabem que não sabem, são os que imploram de Deus o amparo indispensável às suas almas.

Para estes é que Jesus disse: “Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus.”

#### Fonte:

SCHUTEL, Cairbar. Parábolas e Ensinos de Jesus. Págs. 132 - 133. O Clarim. 1979

CAPA



# *Espiritismo e Religião*

RELIGIÃO E CIÊNCIA ENTRELAÇADAS



# Espiritismo e Religião

## Religião e Ciência entrelaçadas

por Ary Lex

**S**e estudarmos a evolução do pensamento humano e o aparecimento de novas teorias entre os vários povos da Terra, desde os mais atrasados até os civilizados, veremos que todos eles tiveram suas religiões. Podemos mesmo dizer que o sentimento religioso é inerente a todas as pessoas de qualquer raça que sejam ou de qualquer grau de instrução. As concepções religiosas estão, naturalmente, de acordo com o grau de evolução e de conhecimento dos povos. Assim é que as idéias religiosas dos povos selvagens são pueris e primitivas. Ressentem-se da falta de cultura e representam a objetivação do seu modo de pensar.

À medida que os povos vão evoluindo, seus conhecimentos aumentam e as idéias tornam-se mais elevadas, despindo-se, paulatinamente, das superstições, das crendices, e tornando-se as teorias cada vez mais lógicas e mais de acordo com a razão.

Certas religiões, analisadas hoje por quem já atingiu um elevado conhecimento dos fenômenos da natureza, não podem deixar de parecer absurdas e mesmo nocivas. A tendência para explicar, por intervenções sobrenaturais, os fatos mais corriqueiros da natureza, como chuvas, ventos e trovões, tendência essa dos povos d'antanho e encontrada hoje entre seres não esclarecidos, impressiona de modo muito desagradável ao homem do século XX, homem que desenvolveu ao máximo suas capacidades intelectuais e aquisitivas e que aprendeu a verificar nos fenômenos naturais a existência das sábias leis que os regem. Esse homem, hoje como ontem, é posto frente a frente com as mesmas

interrogações sem resposta e se desespera por ver quantas religiões passaram, sem dar uma explicação cabal dos enigmas da existência. Desespera-se por ver quantos templos diferentes foram semeados por toda a parte, sem conseguir trazer aos corações aquele lenitivo que é a certeza positiva do seu destino. E esse homem chega a pensar que as religiões foram inventadas para enganar os homens, como se elas fossem um anestésico que apenas diminuísse a dor de um instante para reaparecer mais forte depois.

Entretanto, todas as religiões tiveram um papel a desempenhar. Não era possível que um selvagem tivesse o mesmo modo de pensar e encarar o universo que o homem de hoje, e é por isso que suas idéias eram tão imperfeitas.

Nas religiões primitivas, algumas verdades estão ofuscadas pela aluvião de conceitos descabidos, que vêm desnaturar o conceito inicial. Frequentemente, o culto domina, por atender mais aos sentidos, e a essência da religião torna-se coisa secundária. Nesses casos, a religião desnatura-se e perde o valor, pois os adeptos passam a interessar-se apenas pelo culto externo.

“O que se faz preciso, diz Emmanuel, é estabelecer diferença entre religião e religiões. A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios; dignas de todo o acatamento, pelo sopro de inspiração superior que as fez surgir, são como gotas de orvalho celeste, misturadas com os elementos da terra em que caíram”.

O próprio Camille Flammarion, que,

pelo seu espírito científico, sempre batalhou pela racionalização da nossa crença, enaltecendo o valor do Espiritismo científico, assim se expressa, à página 33 do seu livro “A Morte e o Seu Mistério” - Vol. I: “As religiões desapareceram, mas a religião fica: pesquisa as condições da imortalidade”.

Pelo fato de as religiões não terem conseguido evitar até hoje as guerras e as atrocidades, não podemos inculcá-las como responsáveis por esses morticínios. A Ciência, também, não impediu a eclosão das barbáries, embora tivesse levado o intelecto humano a cumeadas majestosas. Como fato lamentável, o máximo aperfeiçoamento guerreiro coincidiu com o máximo desenvolvimento científico. Seria razoável culparmos os cientistas pelo desenvolvimento moderno da indústria de guerra? Absolutamente, não. A Ciência não tem culpa de os homens serem egoístas, maus e ambiciosos, e terem aproveitado as suas descobertas grandiosas, para aperfeiçoarem os meios de morticí-

nio e destruição. Assim como não podemos culpar a Ciência, assim também não se pode dizer que as religiões tenham sido nocivas. Não conseguiram despertar, no homem, os verdadeiros sentimentos de fraternidade. Foram impotentes para tanto, mas desempenharam papel razoável, conseguindo, às vezes, pelo temor, evitar que os homens se entregassem a todos os vícios. Tiveram os seus mestres, que vieram

*O selvagem observa a natureza e sente que há um poder superior ao seu*

trazer maravilhosos ensinamentos, eternizados, apesar da intromissão dos

rituais e das modificações feitas nas doutrinas pelos próprios sacerdotes, empolgados pela sede de poderio. Esses ensinamentos foram verdadeiros faróis, a iluminar a trajetória de muitos povos isolados do resto do mundo (como no Himalaia).

Perpassando a história dos povos, veremos aparecer surtos de idéias que determinam grande aperfeiçoamento na Filosofia, indo depois sendo deturpados e caindo no esquecimento. Entre os selvagens, já há um instinto religioso, porém não passa de uma preocupação do sobrenatural. O selvagem observa a natureza e sente que há um poder superior ao seu, poder que domina as águas e a terra e que pode destruir, num ápice, toda a sua obra. Temeroso, prostra-se e adora o fogo, o raio, o trovão, a lua, o sol. Isso não é ainda religião, pois não há noção de moral, não há um código ético que ensine aos homens a serem bons e solidários. Aquela adoração não passa de uma vaga intuição da vida extracorpórea e da existência de seres mais poderosos





que os humanos. Pelo atraso dos povos, não se coordenam as idéias, não se estratificam as noções e nada há senão temor e misticismo.

Num grau de evolução um pouco maior, surgem certas crenças mais precisas, já se delineiam algumas concepções religiosas, e o homem procura encontrar na natureza ou nos antepassados os seus mentores e deuses. Aparecem, então, o naturismo, o fetichismo e o totemismo. O naturismo consiste na adoração de objetos, que se supõem dotados de sentimentos iguais aos dos homens. O fetichismo é o culto de certos objetos inanimados, formando-se a crença de que os espíritos estão ligados a esses objetos, representando-os simbolicamente. Os povos adeptos do totemismo adoram deuses escolhidos entre antepassados e animais, seres esses que são considerados protetores da tribo ou do povo. É o caso da adoração do boi Ápis, entre os egípcios. Como vemos, não há nada de racional ou científico, buscando os indivíduos objetivar todos os elementos do seu culto em coisas materiais, dada sua impossibilidade de fazer abstração.

Bonemére diz que, se livrássemos essas crenças das superstições inevitáveis, poderíamos chegar ao exercício da virtude e a observância da moral mais severa. Isto não se realiza em tais povos pela ausência de todo desenvolvimento intelectual e, dizemos nós, por se tratar de espíritos ainda pouco evoluídos.

Observando ainda a evolução do pensamento religioso, veremos aparecer o politeísmo e o panteísmo. No primeiro, cultuam-se vários deuses. É o caso da Grécia e da Roma antigas. O panteísmo, segundo a

definição de Dupouy, “é a religião que admite Deus e os seres como formas diferentes e inseparáveis da existência universal. O ser infinito produz seres finitos, saindo do seu seio e para ele voltando, sem cessar”. Se compararmos tais idéias com a concepção de Deus dos ocultistas e teósofos de hoje, encontraremos grande semelhança. Essa idéia panteísta veio-se imiscuindo em filosofias várias: gregas, medievais e mesmo modernas.

Alicerçando-se sobre ela, foi que

***Krishna, 2100  
anos antes  
de Cristo,  
dizia verdades  
sublimes***

Spinoza construiu muitas de suas teorias. A Codificação, que aceita um Deus criador de tudo o que existe, rejeita o panteísmo, mesmo um panteísmo com roupagem nova, o assim chamado panteísmo espiritualista.

De entremeio com o politeísmo medrou, entre gregos e romanos, o antropomorfismo, atribuindo à divindade os sentimentos, paixões e atos dos homens. Ao mesmo tempo, desabrochava no Oriente, com toda pujança, a filosofia bramânica, ou bramanismo. Dos ensinamentos de seus grandes mestres dimanaram as verdades profundas da imortalidade e a moral que visava enobrecer e levantar os sentimentos dos

homens, fazendo-os cientes de sua responsabilidade. Assim, tornou-se a Índia o berço das religiões e das filosofias.

No Shasta Bad, o livro sacro dos indus, há pérolas de grande valor. Começa assim: “Deus é um criador de tudo, sem começo, nem fim. Governa toda a criação por uma providência geral, resultante de seus desígnios eternos. Não busquemos a essência e a natureza do Eterno, que é Um. Tua pesquisa seria vã e culposa. Dia e mais dia, noite e mais noite, adores seu poder, sabedoria e bondade. O Eterno quis, na plenitude do tempo, comunicar sua essência e esplendor a seres capazes de os sentir. Eles não existiam. O Eterno quis e eles existiram. O Eterno criou Brahma, Vichnou e Shiva.”

Krishna, 2100 anos antes de Cristo, dizia verdades sublimes como estas: “O corpo, envoltório da alma, é uma coisa finita, mas a alma que o habita é invisível, imponderável, eterna. Quando o corpo se dissolve, a alma se evola para a região dos seres puros. Quando a paixão a domina ela vem de novo habitar a Terra.”



Antes de Cristo, 700 anos, surgiu na Ásia a personalidade luminosa de Budha, que veio para orientar os povos e “recolocar a humanidade na senda da moral e da lei divina”. O budismo aceitava a existência de espíritos superiores, despidos de todo resto material, situados na região sem forma. Outros permanecem, ainda, jungidos à matéria, vivendo sob sua influência, não podendo entrar nas esferas superiores; são, ainda, submetidos às reencarnações e habitam a região da forma. O budismo ensina que a causa do mal, da dor, da morte, é o desejo. O fim elevado da vida é arrancar a alma aos laços do desejo. A ignorância é o mal soberano e dele decorrem o sofrimento e a miséria. O melhor meio de melhorar a vida é adquirir o conhecimento”.

Na China, Confúcio estabeleceu uma filosofia baseada na austeridade dos costumes, culto dos ancestrais e ritos superiores. Admite um ser todo-poderoso, presidindo à ordem do Universo. “A virtude deve ser comum ao trabalhador e ao

monarca. Fazer ao próximo como a ti mesmo. Esquece as injúrias, mas nunca os benefícios.”

Respigamos até aqui alguns conceitos elevados de religiões antiqüíssimas, brilhantes, que iluminaram cérebros privilegiados de mestres do passado. Contudo, bramanismo e budismo, filosofias belíssimas, corromperam-se em contato com as crenças indígenas. Seus monges deturparam-lhes os ensinamentos. Hoje

**Antes de Cristo,  
700 anos,  
surgiu na Ásia  
a personalidade  
luminosa de  
Budha, que veio  
para orientar os  
povos**

dominam as cerimônias, os rituais. A essência da religião foi ofuscada pelo culto externo.

Ainda hoje, filosofias e religiões há que buscam nessas doutrinas seus fundamentos, como o esoterismo, ocultismo e a teosofia, nas quais perpassa um intenso sopro de orientalismo, nem sempre benéfico, por estar desfigurado. No seio da Teosofia, que muito tem do bramanismo construtivo e edificante, nasceu, por uma aberração teratológica, o Krisnamurtismo negador e iconoclasta. Rompendo o círculo de ferro dos dogmatismos obsoletos, a doutrina de Krisnamurti embriagou-se com a idéia libertária e passou a negar o cristianismo.

Quando o homem, necessitando de espiritualidade, admite e proclama a crença em um Pai de bondade e justiça a quem elevamos o pensamento nas preces sinceras, os adeptos de Krisnamurti e os negadores do valor da prece dizem: “Homem, cessa tuas orações, porque elas nada valem. Dos céus não cairá pão aos que têm fome, nem roupa aos que têm frio. Ninguém te aliviará, pois Deus é o próprio Universo. Tu não terás o consolo de uma prece pois estarás pedindo a ti mesmo.” Que contraste enorme com a Doutrina de amor de Jesus de Nazaré! Jesus, o mestre amado, nunca deixou uma viúva sem consolo, um doente sem um alívio, um transviado sem um conselho, quando os homens, vaidosos, esquecidos de seus erros quiseram apedrejar uma pecadora, Ele os fez sentir que não havia um sequer que não tivesse os seus defeitos. “Vamos, atira a primeira pedra!”

“O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao



contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto Cristo disse e fez. Elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que, aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldades, com o auxílio desta doutrina. Vêm melhor o seu alcance e podem distinguir a realidade e a alegoria: o Cristo lhes parece maior, já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.” (A Gênese - Cap. 1 nº 41.)

Deolindo Amorim, no seu livro “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”, no capítulo II - O Evangelho e a Interpretação Espírita, diz: “O Espiritismo preocupa-se fundamentalmente com a substância moral do Evangelho, sem descer aos debates secundários nem às intermináveis demandas históricas. A exegese evangélica é tão vasta, tão complexa, que envolve problemas lingüísticos, geográficos, psicológicos etc., ao passo que os ensinamentos morais de Jesus, em sua pureza, estão acima dos sofismas ou das agilidades verbais. O Evangelho, praticamente falando, é um código de vida.” “A moral do Evangelho é realista, por excelência. A linguagem de Jesus é iluminada pela sabedoria divina, é a linguagem da verdade. Justamente por isso é que a moral do Evangelho combina perfeitamente com os objetivos da Doutrina Espírita.”

“O Espiritismo é, como afirma Allan Kardec, uma Doutrina filosófica de efeitos religiosos. Isto quer dizer que o Espiritismo tem um aspecto religioso, como tem

um aspecto científico e um aspecto filosófico.”

Allan Kardec frisa bem que o Espiritismo não é uma religião constituída. O qualificativo constituída não exclui a idéia religiosa. Há muita diferença entre culto organizado e conseqüências religiosas. O Espiritismo tem, indiscutivelmente, conseqüências religiosas, e muito profundas, mas a sua esquematiza-

***O Espiritismo é, como afirma Allan Kardec, uma Doutrina filosófica de efeitos religiosos***

ção, a sua índole e a sua conceituação básica não comportam qualquer forma de culto material, nem sacerdote, nem chefes carismáticos.”

Através do Espiritismo, sabemos que o nosso passado se apresenta como causa dos padecimentos atuais. Da resignação com que o suportamos, advirá o progresso de nosso Espírito. Tenhamos em mente que nosso futuro depende do que fizermos hoje. Nessa explicação espírita há um encadeamento lógico entre o passado, o presente e o futuro; o passado, manifestando-se em nós pelas tendências e aptidões. O futuro, estamos hoje construindo e dependerá de nossas ações.

O Espiritismo não veio para derrogar a moral cristã, mas para

fortalecê-la. Um Espiritismo que não aceitasse os princípios morais do cristianismo não seria mais Espiritismo, porque não passaria de uma observação de fatos, guiada, apenas, pela curiosidade do sobrenatural.

O Espiritismo não veio para arrancar de nossa alma a idéia de um Deus criador, Pai de infinita justiça. Veio para trazer aos homens inteligentes a explicação lógica da vida, e é por isso que ele se vale do conhecimento científico, aplicado ao estudo do extrafísico. À humanidade de hoje não basta uma fé cega. O Espiritismo é o exemplo vivo de religião e ciência entrelaçadas, colaborando, mutuamente, na pesquisa da verdade.

Emmanuel, em uma de suas consoladoras mensagens, esclarece-nos: “Nenhuma teoria científica, nenhum sistema político, nenhum programa de reeducação podem roubar do mundo a idéia de Deus e da imortalidade do ser, inata no coração dos homens. As ideologias novas também não conseguirão eliminá-la. A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, como um sublime legado.

No dia em que a evolução dispensar o concurso da religião, para a solução dos grandes problemas educativos da alma do homem, a humanidade inteira estará integrada à religião, que é a própria verdade, encontrando-se unida a Deus, pela fé e pela ciência então irmanadas.”

**Fonte:**

LEX, Ary. Pureza Doutrinária. Págs. 43 - 53. FEESP. 1996.

# Biografia de Allan Kardec

**É** ainda sob o guante da dor profunda que nos causou a prematura partida do fundador da Doutrina Espírita, que nos abalancamos a uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos esmagariam, se não contássemos com o auxílio eficaz dos bons Espíritos e com a indulgência dos nossos leitores.



Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se de possuir o espírito de método e organização de que se mostram iluminados todos os trabalhos do mestre? Só a sua pujante inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, triturá-los e transformá-los, para os espalhar em seguida, como orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradecer e fazer compreendido numa linguagem simples e elevada ao mesmo tempo, tão distanciada do estilo familiar, quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera até agora bastar a tudo. Entretanto, o cotidiano alargamen-

*Incisivo, conciso,  
profundo, sabia  
agradar e fazer  
compreendido  
numa linguagem  
simples e  
elevada ao  
mesmo tempo*

to de suas relações e o contínuo desenvolvimento do Espiritismo lhe faziam sentir a necessidade de reunir em torno de si alguns auxiliares inteligentes e preparava simultaneamente a nova organiza-

ção da Doutrina e de seus labores, quando nos deixou, para ir, num mundo melhor, receber a sanção da missão que desempenhara e coletar elementos para uma nova obra de devotamente e sacrifício.

Era sozinho!... Chamar-nos-emos legião e, por muito fracos e inexperientes que sejamos, nutrimos a convicção íntima de que nos conservaremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de incontestável evidência, nos consagrarmos a executar, tanto quanto nos seja possível e de acordo com as necessidades do momento, os projetos que ele pretendia realizar no futuro.

Enquanto nos mantivermos nas suas pegadas e todos os de boa-vontade se unirem, num esfor-



ção comum pelo progresso e pela regeneração intelectual e moral da Humanidade, conosco estará o Espírito do grande filósofo e nos secundará com a sua influência poderosa. Dado lhe seja suprir à nossa insuficiência e nos possamos mostrar dignos do seu concurso, dedicando-nos à obra com a mesma abnegação e a mesma sinceridade que ele, embora sem tanta ciência e inteligência.

Em sua bandeira, inscrevera o mestre estas palavras: trabalho, solidariedade, tolerância. Sejam, como ele, infatigáveis; sejam, acordemente com os seus anseios, tolerantes e solidários e não temamos seguir-lhe o exemplo, reconsiderando, quantas vezes forem precisas, os princípios ainda controvertidos. Tentemos avançar, antes com segurança e certeza, do que com rapidez, e não ficarão infrutíferos os nossos esforços, se, como estamos persuadidos, e seremos os primeiros a dar disso exemplo, cada um cuidar de cumprir o seu dever, pondo de lado todas as questões pessoais, a fim de contribuir para o bem geral.

Sob auspícios mais favoráveis não poderíamos entrar na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que dando a conhecer aos nossos leitores, num rápido esboço, o que foi, durante toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos vindouros com a auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lião, a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia, Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) não seguiu

essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

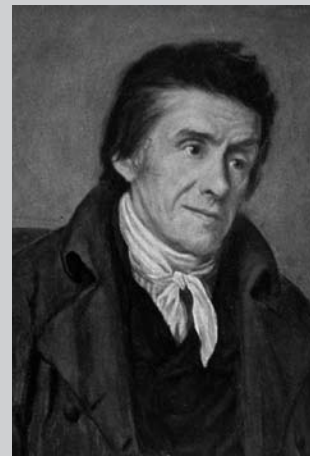
Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdon (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino, pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos catorze anos ensinava o que sabia àqueles dos seus condiscípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livre-pensadores.

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso

***Em sua bandeira,  
inscrevera o  
mestre estas  
palavras:  
Trabalho,  
solidariedade,  
tolerância***

teve de suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a idéia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos com



**Johann Heinrich Pestalozzi**  
(Zurique, 12 de janeiro de 1746  
— Brugg, 17 de fevereiro de 1827)  
foi um pedagogo suíço e educador  
pioneiro da reforma educacional.

o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos.

Concluídos seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduzia para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral e, o que é muito característico, as obras de Fénelon, que o tinham seduzido de modo particular.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que, em o concurso de 1831, lhe premiou uma notável memória sobre a seguinte questão: Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?

De 1835 a 1840, fundou, em sua

casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc., empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho.

Preocupado sempre com o tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso de ensinar a contar e um quadro mnemônico da História de França, tendo por objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos de maior relevo e as descobertas que iluminaram cada reinado.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: Plano proposto para melhoramento da Instrução pública (1828); Curso prático e teórico de Aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1824); Gramática francesa clássica (1831); Manual dos exames para os títulos de capacidade; Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria (1846); Catecismo gramatical da língua francesa (1848); Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia, que ele professava no Liceu Polimático; Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona, seguidos de Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse o pseudônimo de Allan Kardec, já ele se ilustrara, como se

vê, por meio de trabalhos de natureza muito diferente, porém tendo todos, como objetivo, esclarecer as massas e prendê-las melhor às respectivas famílias e países.

“Pelo ano de 1855, posta em foco a questão das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, cogitando principalmente de lhe deduzir as conseqüências filosóficas. Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

*Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.*

Reconheceu, na ação deste último, uma das forças da Natureza, cujo conhecimento, haveria de lançar luz sobre uma imensidade de problemas tidos por insolúveis, e lhe compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso.

“Suas obras principais sobre esta matéria são: O Livro dos Espíritos, referente à parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu a 18 de

abril de 1857; O Livro dos Médiuns, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); O Evangelho segundo o Espiritismo, concernente à parte moral (abril de 1864); O Céu e o Inferno, ou A justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); A Gênese, os Milagres e as Predições (janeiro de 1868); a Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, periódico mensal começado a 1º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos**, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. Allan Kardec se defendeu, com inteiro fundamento, de coisa alguma haver escrito debaixo da influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e calmo, observou os fatos e de suas observações deduziu as leis que os regem. Foi o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.

“Demonstrando que os fatos erroneamente qualificados de sobrenaturais se acham submetidos a leis, ele os incluiu na ordem dos fenômenos da Natureza, destruindo assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

“Durante os primeiros anos em que se tratou de fenômenos espíritas, estes constituíram antes objeto de curiosidade, do que de meditações sérias. O Livro dos Espíritos fez que o assunto fosse considerado sob aspecto muito diverso. Abandonaram-se as mesas girantes, que tinham sido apenas um prelúdio, e

começou-se a atentar na doutrina, que abrange todas as questões de interesse para a Humanidade.

“Data do aparecimento de O Livro dos Espíritos a fundação do Espiritismo que, até então, só contara com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera apreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção de homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em poucos anos, aquelas idéias conquistaram numerosos aderentes em todas as camadas sociais e em todos os países. Esse êxito sem precedentes decorreu sem dúvida da simpatia que tais idéias despertaram, mas também é devido, em grande parte, à clareza com que foram expostas e que é um dos característicos dos escritos de Allan Kardec.

“Evitando as fórmulas abstratas da Metafísica, ele soube fazer que todos o lessem sem fadiga, condição essencial à vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos

controversos, sua argumentação, de cerrada lógica, poucas ensanchas oferece à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo apresenta da existência da alma e da vida futura tendem a destruir as idéias materialistas e

*“Data do  
aparecimento  
de O Livro dos  
Espíritos a  
fundação do  
Espiritismo*

panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina e que deriva do precedente é o da pluralidade das existências, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e

modernos e, nestes últimos tempos, por João Reynaud, Carlos Fourier, Eugênio Sue e outros. Conservar-se, todavia, em estado de hipótese e de sistema, enquanto o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que nesse princípio reside um dos atributos essenciais da Humanidade. Dele promana a explicação de todas as aparentes anomalias da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais, facultando ao homem saber donde vem, para onde vai, para que fim se acha na Terra e por que aí sofre.

“As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da Humanidade, pela ação dos homens dos tempos idos e que revivem, depois de terem progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores. Essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de



liberdade e de solidariedade universal, as próprias leis da Natureza e não mais uma simples teoria.

“Em vez do postulado: Fora da Igreja não há salvação, que alimenta a separação e a animosidade entre as diferentes seitas religiosas e que há feito correr tanto sangue, o Espiritismo tem como divisa: Fora da Caridade não há salvação, isto é, a igualdade entre os homens perante Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

“Em vez da fé cega, que anula a liberdade de pensar, ele diz: Não há fé inabalável, senão a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século. É precisamente ao dogma da fé cega que se deve o ser hoje tão grande o número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abolição de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.” (“O Evangelho segundo o Espiritismo”.)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha.

O corpo se lhe entorpeceria e se recusava aos serviços que o Espírito lhe reclamava, enquanto este último, cada vez mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, ia sempre alargando o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual não podia a matéria resistir eternamente. Acabou sendo vencida: rompeu-se o aneurisma e Allan Kardec caiu fulminado. Um homem houve de menos na Terra; mas, um grande nome tomava lugar entre os que ilustraram este século; um grande Espírito fora retemperar-se no Infinito, onde todos os que ele consolara e esclarecera lhe aguardavam impacientes a volta!

“A morte, dizia, faz pouco tempo, redobra os seus golpes nas fileiras ilustres!... A quem virá ela agora libertar?”

Ele foi, como tantos outros, recobrar-se no Espaço, procurar elementos novos para restaurar o seu organismo gasto por uma vida de incessantes labores. Partiu com os que serão os fanais da nova geração, para voltar em breve com eles a continuar e acabar a obra deixada em delicadas mãos.

O homem já aqui não está; a alma, porém, permanecerá entre

nós. Será um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador incansável que as falanges do Espaço conquistaram. Como na Terra, sem ferir a quem quer que seja, ele fará que cada um lhe ouça os conselhos oportunos; abrandará o zelo prematuro dos ardorosos, amparará os sinceros e os desinteressados e estimulará os mornos. Vê agora e sabe tudo o que ainda há pouco previa! Já não está sujeito às incertezas, nem aos desfalecimentos e nos fará partilhar da sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo a meta, apontando-nos o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que o tornou aureolado nos anais literários.

Já não existe o homem, repetimo-lo. Entretanto, Allan Kardec é imortal e a sua memória, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com os que empunharem forte e vigorosamente o estandarte que ele soube sempre fazer respeitado.

Uma individualidade pujante constituiu a obra. Era o guia e o fanal de todos. Na Terra, a obra substituirá o obreiro. Os crentes não se congregarão em torno de Allan Kardec; congregar-se-ão em torno do Espiritismo, tal como ele o estruturou e, com os seus conselhos, sua influência, avançaremos, a passos firmes, para as fases ditosas prometidas à Humanidade regenerada.

(Revista Espírita, maio de 1869.)

**Fonte:**

KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Págs. 11 - 19. Feb. 1985.



# Medo e Responsabilidade

por Manoel P. de Miranda / Divaldo P. Franco

O medo é agente de males diversos, que dizimam vidas e deformam caracteres, alucinando uns, neurotizando outros, gerando insegurança e timidez ou levando a atos de violência irracional.

Originário no Espírito enfermo, pode ser examinado como decorrência de três causas fundamentais: a) conflitos herdados da existência passada, quando os atos reprováveis e criminosos desencadearam sentimentos de culpa e arrependimento que não se consubstanciaram em ações reparadoras; b) sofrimentos vigorosos que foram vivenciados no além-túmulo, quando as vítimas que ressurgiam da morte açodaram as consciências culpadas, levando-as a martírios inomináveis, ou quando se arrojaram contra quem as infelicitou, em cobranças implacáveis; c) desequilíbrio da educação na infância atual, com o desrespeito dos genitores e familiares pela personalidade em formação, criando fantasmas e fomentando o temor, em virtude da indife-

rença pessoal no trato doméstico ou da agressividade adotada.

Em qualquer dos processos referidos, nos quais se origina o medo, este é uma reminiscência que toma corpo na mente e assoma, dominador, culminando por prevalecer ante qualquer decisão ou

*O medo torna o homem irresponsável, fraco e pusilânime*

empenho de quem lhe experimenta a injunção.

Remanescente da encarnação passada, libera os clichês arquivados no inconsciente profundo, estabelecendo alienações auto-obsessivas, em mecanismo punitivo, de que o ser sente necessidade como forma de minorar os efeitos danosos dos atos irresponsáveis e arbitrários praticados.

Não obstante, tal mecanismo de redenção em nada libera o culpado, embora o leve a dores e angústias inomináveis, porque destituído do caráter recuperador dos prejudicados ou de reparação dos delitos perpetrados.

Se procedente das experiências sofridas fora do corpo, quando na Erraticidade inferior, as recordações

pavorosas criam condicionamentos viciosos que atemorizam, fixando-as mais, e, ao mesmo tempo, produzindo instabilidade em relação a quaisquer programas de ação, que se apresentam como áreas perigosas, para a mente em desconcerto, impedindo o rom- ▶



pimento da cortina invisível que se lhe faz obstáculo.

Nascente, na vida atual, em face de família castradora e rude, é ainda o Espírito endividado constrangido a recomençar a vilegiatura evolutiva, no meio social de que necessita, a fim de desenvolver os valores de submissão, da autodisciplina e da humildade, lamentavelmente transformados em medo.

O medo torna o homem irresponsável, fraco e pusilânime.

Provação de grave resultado é instrumento para edificação interior por parte da consciência comprometida.

O medo é tão cruel que, diante de enfermidades irreversíveis e problemas graves de alto porte, induz a sua vítima à morte pelo suicídio, numa forma extravagante de expressar o medo de morrer sob sofrimento demorado, desse modo gerando mais rudes aflições a se entenderem por tempo indeterminado.

Cultivado, torna-se fator asfixiante que responde por terríveis prejuízos morais, sociais, mentais e humanos.

É muito complexa a sua órbita de atuação.

Alguns heróis lograram sucessos nos seus empreendimentos, sofrendo-lhe o impulso, enquanto traidores e desertores não lhe puderam resistir à indução.

Na raiz de muitos males encontramos-lo presente.

Indispensável combatê-lo com urgência, assim seja notada a sua presença mórbida.

Iniciando por pequenos tentames de atividade relevante, a vítima do medo reconstrói-se interiormente, adquirindo confiança que a

encoraja a experiências mais expressivas, portanto, mais difíceis.

Passando, de imediato, a assumir responsabilidade diante dos deveres e atuando com persistência, adquire segurança íntima que a leva a resgatar os seus atentados contra a Consciência Cósmica.

Se fracassa numa empresa, não se intimida, pois compreende que o insucesso é exercício para futuros êxitos e que ninguém é tão perfeito e hábil que não experimente um que outro problema equivalente.

***O medo recua,  
na razão direta  
em que a  
disposição de  
atuar se faz  
mais forte, da  
mesma maneira  
que o inverso é  
verdadeiro***

O novo hábito de desincumbir-se das tarefas nobre cria condicionamentos positivos que se vão incorporando ao modus operandi até fazer-se automatismo na área das realizações.

O medo recua, na razão direta em que a disposição de atuar se faz mais forte, da mesma maneira que o inverso é verdadeiro.

Herança moral jacente no Es-

pírito, a este compete o dever de considerar frontalmente a questão e empenhar-se por vencê-lo.

O instinto de conservação da vida induz, muitas vezes, o homem ao medo racional, compreensível, que assume o comportamento de cuidado, evitando a precipitação, a imprevidência.

Extrapolando, porém, tal condição normal e natural, é gerador de vários distúrbios e conflitos que se instalam e revelam na conduta.

Transfere-se de uma vida para outra esse adversário do progresso humano, permanecendo até quando a firme decisão de elevar-se e ser feliz propela o Espírito à luta sem quartel para superá-lo.

A “parábola dos talentos”, narrada por Jesus, confirma a nossa assertiva, quando um dos detentores dos recursos, ao invés de os aplicar, por medo enterrou-os, não logrando multiplicá-los, como sucedeu com os demais, recebendo, em conseqüência, o reproche do amo, que os tomou e os ofereceu a quem houvera feito aplicação com proveito e destemor.

A consciência da responsabilidade é o antídoto para o medo, do que se infere que o desejo de agir, para recuperar-se, comanda a vontade e desarticula as engrenagens malélicas que o desequilíbrio fomentou.

O medo deve ser combatido com todos os valiosos recursos ao alcance, desde a oração à ação feliz.

**Fonte:**

FRANCO, Divaldo Pereira. Temas da Vida e da Morte. Págs. 57 – 60. Feb. 2005.

# Por que, por quê, porque e porquê

por Eduardo Martins



Por que devemos ler livros, jornais e revistas? Porque a leitura dá prazer, ensina coisas úteis, ajuda a pensar e faz a pessoa escrever melhor.

Você reparou que essas duas frases usam a forma **por que** assim, em duas palavras, e **porque** em uma palavra só?

1) Guarde então, a primeira explicação: usa-se **por que**, separado, nas perguntas. Notou que a primeira frase faz uma indagação, ou seja: *Por que devemos ler livros, jornais e revistas?* Veja outro exemplo: *Por que ele chegou tarde?*

2) Como você pôde reparar na segunda oração, o **porque**, em uma palavra só, aparece nas respostas, que em geral apresentam uma explicação: *Ele chegou tarde porque o trânsito estava congestionado.* / *O jogo foi adiado porque choveu muito.*

3) Essa é a regra básica. Preste atenção, no entanto: existe um **por que** separado mesmo quando não se faz pergunta. Ele é usado desde que esteja **clara ou subentendida** a palavra **motivo** (ou causa, razão).

Veja os exemplos: *Não sei por que ele chegou tarde.* Escrever dessa forma é o mesmo que dizer: *Não sei por que (por qual) motivo ele chegou tarde.* Mais um exemplo: *Os alunos não explicaram por que (ou por que razão) haviam faltado à aula.*

4) Quando encerra frase, o **por que**, separado (que indica razão ou motivo), tem acento no **quê**. Assim: *Estava triste sem saber por quê.* / *O amigo nos advertiu e perguntou por quê.* / *Ninguém gostava dele. Por quê?*

5) Cuidado com um caso em que o **porque**, junto, pode figurar nas perguntas. É quando você faz uma interrogação e formula uma hipótese: *Você não veio porque choveu?* / *Ele chegou tarde porque perdeu a hora?*

6) Além de indicar causa, motivo, razão, o **por que**, separado, substitui as formas **pelo qual** e **para que**: *Era o apelido por que (pelo qual) o conheciam.* / *Estavam ansiosos por que (para que) ela voltasse.*

Existe um **porquê**, em uma palavra só e com acento, que tem função diferente dos demais casos. Ele substitui (ou seja, pode ser usado no lugar de e não dar idéia de) os substantivos *motivo, causa, razão, pergunta*.

Veja como usá-lo: *Não sei o porquê da sua recusa.* É o mesmo que escrever: *Não sei a razão (ou a causa ou o motivo) da sua recusa.* / *O pai não quis explicar os porquês da decisão.* / *Todos temos os nossos porquês (as nossas dúvidas, as nossas perguntas).*

## Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 25. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

# Vê, pois

“Vê, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas.” – Jesus.  
(Lucas, 11:35.)

Há ciência e há sabedoria, inteligência e conhecimento, intelectualidade e luz espiritual.

Geralmente, todo homem de raciocínio fácil é interpretado à conta de mais sábio, no entanto, há que distinguir.

O homem não possui ainda qualidades para registrar a verdadeira luz. Daí, a necessidade de prudência e vigilância.

Em todos os lugares, há industriosos e entendidos, conhecedores e psicólogos. Muitas vezes, porém, não passam de oportunistas prontos para o golpe do interesse inferior.

Quantos escrevem livros abomináveis, espalhando veneno nos corações? Quantos se aproveitam do rótulo da própria caridade visando extrair vantagens à ambição?

Não bastam o engenho e a habilidade. Não

satisfaz a simples visão psicológica. É preciso luz divina.

Há homens que, num instante, apreendem toda a extensão dum campo, conhecem-lhe a terra, identificam-lhe o valor. Há, todavia, poucos homens que se apercebem de tudo isso e se disponham a suar por ele, amando-o antes de explorá-lo, dando-lhe compreensão antes da exigência.

Nem sempre a luz reside onde a opinião comum pretende observá-la.

Sagacidade não chega a ser elevação, e o poder expressivo apenas é respeitável e sagrado quando se torna ação construtiva com a luz divina.

Raciocina, pois, sobre a própria vida.

Vê, com clareza, se a pretensa claridade que há em ti não é sombra de cegueira espiritual.



**CE**ditora  
idiedade

**Emmanuel - Chico Xavier**  
Vinha de Luz